

# OS SENTIDOS, SIGNIFICADOS E OS EFEITOS DAS RELAÇÕES DE PODER NOS CORPOS ESPORTIVOS QUE DISPUTAM O CAMPEONATO ADULTO DE HANDEBOL NO ESTADO DO PARÁ: UMA ABORDAGEM NA ÓTICA DOS (AS) ATLETAS SEGUNDO A DINÂMICA DOS TREINOS E JOGOS.

IVAN GONÇALVES REIS  
MARIA MARIZE DUARTE  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ – UEPA  
BELÉM – PARÁ - BRASIL  
i18reis@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Compreender as relações sociais é percorrer os vínculos entre as macro e micro estruturas definindo o sentido e o lugar das comparações de poder no contexto da dominação que pode vir a ocorrer nas ligações interpessoais promovidas pelas diferentes formas de aprendizagens – neste caso, no desporto handebol.

Vários são os mecanismos que podem promover essas conveniências: a prática dessa modalidade desportiva desde a fase dos treinamentos até às competições, o diálogo entre técnico, atletas e comissão técnica, as metodologias de treinamentos e as diversas situações de jogo.

É um estudo que identifica mecanismos de poder muitas vezes praticados como vigilância, com a intenção de manter a ordem ou a disciplina durante esta prática desportiva e, que evidenciam a existência de teias sociais silenciosas que ordenam o existir do desporto handebol. Nessas teias, os ensinamentos, treinamentos e competições, são produzidos como um alicerce de verdades que vão sendo transmitidas aos atletas de forma absoluta, sem considerar as reais condições psicossociais de assimilação de informações muitas vezes inovadoras para esses atores sociais.

O estudo teve como objetivo principal Investigar os sentidos, significados e os efeitos das relações de poder nos corpos esportivos que disputam o campeonato adulto de handebol no estado do Pará: uma abordagem na ótica dos (as) atletas segundo a dinâmica dos treinos e jogos.

Vista à compreensão dessas convivências entre atletas técnicos/comissão técnica e, como objetivos específicos, Identificar às relações de poder que circulam nos treinamentos e jogos de handebol a partir da ótica dos atores sociais adultos no Estado do Pará, Identificar os mecanismos de controle que orientam cada papel na relação atletas, técnicos/comissão técnica, compreendendo os micro poderes a partir do cotidiano vivenciado por esses atores sociais no estado do Pará e Identificar a questão da disciplina, do autoritarismo e da coerção dessas relações dentro do contexto treinamentos e jogos.

Para compreendermos o objeto de estudo desta pesquisa procuramos nos fundamentar em autores como Foucault (1988), Soares (2008), Bourdieu (1998), Moscovici (2009) e Galbraith (1984) que abordam de forma significativa os conteúdos relativos às estruturas de relações de poder e suas representações sociais. As teorias explicativas desses autores nos possibilitarão compreender as formas de apresentação do poder disciplinar na construção da realidade esportiva de handebol e gênero.

Assim, nos estudos foucaultianos, relativos às relações de poder, pode-se observar que a consciência e o investimento do corpo pelo poder podem ser analisados a luz do desempenho físico do corpo disciplinado do atleta, como se verifica a seguir:

[...] O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo [...] tudo isto conduz ao desejo do seu próprio corpo através de um

trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, 1979, p. 146).

Segundo os registros de Foucault (1977, p. 117), na época clássica, observa-se a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Essas evidências da atenção dedicada ao corpo são representadas na maneira pela qual um corpo se manipula, se modela, se treina, obedece e responde, tornando-se hábil e multiplicador de muitas forças.

As formas de disciplinamento das operações do corpo dos (as) atletas de handebol em termos de rapidez são determinadas pelo controle minucioso de todas as partes do corpo – pernas e pés para correr, o dorso para a defesa, braços e mãos para lançar precisamente e a cabeça para refletir – ele oferece aos jogadores e jogadoras um treinamento harmonioso para todo organismo e demonstram a modelagem do corpo no processo de disciplina para fabricação de corpos submissos, exercitados, corpos “dóceis” para as ações gerais da prática esportiva.

Observa-se que a busca pelo corpo saudável, apto as diversas práticas, não era privilégio apenas de um gênero, como bem demonstra a história no decorrer dos séculos e os estudos de Foucault (1977), apontados acima em relação à docilidade dos corpos nos mais diferenciados segmentos da sociedade.

Já de acordo com os estudos de Saffioti (1999, p. 43) o gênero, enquanto dispositivo gramatical trata da existência do masculino e do feminino explicitando categorias sociais, porém refere-se a um conceito descritivo. Em se tratando de categoria analítica e, conseqüentemente, heurística, o gênero só pode suceder a sua existência como categoria histórica.

Para Scott (1988 apud Saffioti, 1999, p. 143) com base na organização social de gênero trata da forma de operacionalização de sua categoria analítica, mas descreve seus componentes como um fenômeno histórico, substrato empírico de seu conceito de gênero, como bem afirma que:

[...] Minha definição de gênero tem duas partes e alguns subconjuntos. Eles são interrelacionados, mas devem ser analiticamente distinguidos. [...] gênero é *um* elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e gênero é *uma* maneira primordial de significar relações de poder (SCOTT, 1988, p. 42 apud SAFFIOTI, 1999, p. 143).

Segundo o pensamento de Scott (1988 apud Saffioti, 1999, p. 144) enfatiza que as diferenças sexuais não devem ser explicadas levando-se em consideração a organização social de gênero, porém, devemos compreendê-las em função da própria organização humana que analisa tais diferenças. Daí a necessidade de compreender as relações que envolvem os campos biológicos e sociais. Para a autora, todo fato social é simbólico, portanto, é passivo de ser interpretado, mesmo que as diferenças sexuais estejam sujeitas a interpretações que sirvam de dados estatísticos para definirem mulheres fundamentadas em um certo paradigma e homens de acordo com outros.

O início do século XX vislumbra uma nova proposta em relação ao bem estar físico das mulheres, quando permite a inclusão de novas formas de práticas esportivas/atividades físicas de baixa intensidade, que trouxeram benefícios para a saúde das futuras mães e esposas. Observa-se também os cuidados na definição dos tipos de esportes que seriam mais apropriados para as mulheres, mas deveriam ser praticados por jovens e solteiras, prevalecendo a natação, que nesta época não incluía exercícios de desenvolvimento muscular, mas apenas trabalhos realizados em solo, portanto, não masculinizava, mesmo assim excluía as senhoras mães e casadas, continuando sendo privilégio das senhoritas.

Observando pelo lado do culto ao corpo feminino na sociedade atual, influenciado pelo poder da mídia, Adelman (2003, p. 448) enfatiza que a mulher internalizou seus padrões de vida ativa focada na prática de exercícios físicos, mas precisamente na ginástica, procurando adquirir um corpo “perfeito”, sem excesso de músculos, mesmo que para isso seja preciso horas de trabalho, de dedicação, onerando financeiramente; fato este não ser privilégio de uma grande parte da população.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

A dinâmica metodológica compreendeu a associação dos métodos qualitativos e quantitativos, bem como entrevistas que construíram o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefevre (2000, p. 18) que possibilitaram apontar como resultados os elos sociais – teias, onde os ensinamentos, os treinamentos e as competições são produzidos como alicerces de verdades, que vão sendo transmitidos aos atores sociais de forma absoluta, sem considerar suas reais condições psicosociais de assimilação de informações, muitas vezes surpreendentes, para os praticantes da modalidade.

O estudo conclui, na ótica foucaultiana, que a disciplina pode gerar um poder funcional auto-sustentável por seus próprios mecanismos; que a ordem como os castigos disciplinares se apresentam é de natureza mista logo é uma ordem “artificial”, colocada de maneira explícita por uma lei, um programa, um regulamento, pelas regras e, no handebol, os “*castigos disciplinares*” acontecem de forma clara nas atitudes repressoras dos técnicos para com seus atletas. E que apontam para as seguintes questões:

A primeira delas refere-se às **experiências vivenciadas na construção de metodologias de treinos e jogos entre técnico (as)/comissão técnica/atletas**

As experiências vivenciadas de construção de metodologias de treinos e jogos – diagnóstico e análise de desempenho pelos técnicos fundamentadas ou não nas intervenções dos atletas, são questionamentos que nós observamos também, que podem variar muito de técnico para técnico, isso em função do tipo de relacionamento com os seus atletas. Há situações, por exemplo, que após os treinos ou jogos, esses profissionais até procuram reunir com os jogadores para dialogarem sobre tudo o que ocorreu durante as atividades práticas, como também tem professores que ignoram totalmente essas situações, acham que somente quando as equipes vencem, é que deve haver algum tipo de avaliação sobre o trabalho desenvolvido dentro de quadra, esquecem que estão trabalhando com vários tipos de pessoas com comportamentos diferenciados e, que muitas vezes um bom diálogo ajuda até mesmo na construção das metodologias de treinos e jogos. (DSC atletas femininas de handebol).

A segunda delas refere-se a **interferência do timbre e altura da voz dos técnicos (as)/comissão técnica/atletas**

Relatamos as mais variadas experiências possíveis em relação a interferência do timbre e altura de voz no desempenho dos atletas nos treinos e jogos, umas compreensíveis, outras toleráveis e algumas muito desagradáveis, chegando ao ponto de agressão verbal mesmo, de uma pura demonstração de autoritarismo tornando o ambiente de treino ou jogo insuportável. Com certeza não só afeta o desempenho do atleta como de todo o grupo. Por outro lado atribuímos determinadas situações espantosas, principalmente para as pessoas alheias, à convivência existente entre nós atores sociais, pois, é notório observarmos atletas e equipes melhorarem ou piorarem de rendimento nos treinos e jogos

somente após ouvirem os gritos dos técnicos (DSC dos atletas masculinos de handebol).

Compreender as relações sociais é percorrer os vínculos entre as macro e micro estruturas definindo o sentido e o lugar das comparações de poder no contexto da dominação que pode vir a ocorrer nas ligações interpessoais promovidas pelas diferentes formas de aprendizagens – neste caso, no desporto handebol.

Vários são os mecanismos que podem promover essas conveniências: a prática dessa modalidade desportiva desde a fase dos treinamentos até às competições, o diálogo entre técnico, atletas e comissão técnica, as metodologias de treinamentos e as diversas situações de jogo.

É um estudo que identifica mecanismos de poder muitas vezes praticados como vigilância, com a intenção de manter a ordem ou a disciplina durante esta prática desportiva e, que evidenciam a existência de teias sociais silenciosas que ordenam o existir do desporto handebol. Nessas teias, os ensinamentos, treinamentos e competições, são produzidos como um alicerce de verdades que vão sendo transmitidas aos atletas de forma absoluta, sem considerar as reais condições psicossociais de assimilação de informações muitas vezes inovadoras para esses atores sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa, podemos ter conclusões preliminares, que no desporto handebol a circularidade do poder pode proporcionar sentidos, efeitos e significados diferenciados para os atores sociais praticantes desta modalidade em função das situações que os mesmos podem se encontrar nas sessões de treinos ou nos jogos de competições.

No que diz respeito principalmente ao rendimento técnico-tático, tanto nos treinos como nos jogos, alguns atletas só respondiam de forma positiva, quando submetidos a “sessões de torturas psicológicas” (gritos) por parte de seus treinadores, ditos detentores do poder relacionados aos vários conhecimentos do desporto em questão.

Por outro lado, a pesquisa revela que o poder existe e deve existir no desporto handebol ou em qualquer modalidade desportiva, desde que seja de forma compartilhada, coerente entre todos os atores sociais que praticam um desporto, só assim as possibilidades de êxito podem ser mais evidentes.

A proposta dessa pesquisa foi compreender as relações de poder nos treinos e jogos no contexto do entendimento dos sentidos, significados e efeitos das relações de poder nos corpos esportivos dos (as) atletas de handebol no estado do Pará. Não foi possível compreendermos tudo, porém, nunca imaginamos tal possibilidade. Mas, obtemos a uma ótica mais detalhada, de como as pessoas entrevistadas observam a temática e a importância que lhe atribuem. São abordagens finais, porém em processo de transição sobre esse estudo.

Um exemplo dessa situação pode ocorrer em metodologias de ensino utilizadas pelo técnico de handebol quando no uso de sua posição de detentor do conhecimento, subestimando os direitos dos atletas, oprimindo-os através de processos de interação, de uma linguagem que pode oscilar de rudimentar e agressiva a uma linguagem sedutora, ou irônica, omitindo a voz daquele com quem fala: o atleta. Esses procedimentos podem fazer com que os atletas sintam-se constrangidos e até mesmo “sem coragem” para dialogar com o técnico, que, por vezes, ocupa um lugar simbólico superior.

Outra situação que vale destacar, refere-se à maneira de comandar os atletas, ou seja, a altura e timbre de voz que em algumas situações podem até prejudicar o rendimento dos atletas nos treinos e jogos, haja vista que os seres humanos apresentam diferenças significativas nas suas constituições bio-psico-fisiológicas.

Nas práticas esportivas, como o desporto handebol, não podia ser diferente o exercício desse poder simbólico de várias formas como: no próprio uso da linguagem dos técnicos/comissão técnica para com seus atletas, estruturando seus poderes de forma

repressiva, mesmo que simbolicamente, através de gritos e discursos ásperos quando querem chamar atenção de seus jogadores, ou ainda retirando-os de treinos e jogos pelo simples fato de terem cometido algum tipo de erro ou não terem obedecido as “ordens” estabelecidas por eles.

Assim, podemos reconhecer que é na estrutura da relação técnico (a) -comissão técnica – atletas – procedimentos - técnicos e táticos a serem transmitidas que se produz, reproduz a sua força de ação, sentidos, significados e efeitos, força essa mobilizadora pela ação e pela reação dos sujeitos que definem essa estrutura.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p.7 - ...

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p. 149 – 216.

DE BARBIERI, T. **Derechos sexuales y Reproductivos**. Aproximación breve y su historia y contenido. In: Revista Mujer Salud, n. 2/99, Santiago de Chile, 1998.

DUARTE, Orlando, **História dos Esportes**. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 2000.

EHRET, Arno; SPÄT, Dietrich; SCHUBERT, Renate; ROTH, Klaus. **Manual de Handebol**. Tradução de Plabo Greco. São Paulo: Phorte, Ed.Brasileira, 2002.

ELENO, Thais G; BARELA, José. A; KOKUBUN, Eduardo. **Tipos de Esforços e Qualidades Físicas do Handebol**. Revista Brasileira Ciência do Esporte. Campinas, v.24, n.1p 83 -98, set. 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p.11 a 147.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**, 13ª ed. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979, p. 145 – 250.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: História das Violências nas Prisões**. Petrópolis:Vozes, 1987.

GALBRAITH, John Kenneth. **Anatomia do poder**: São Paulo: Pioneira, 1984.

KNIJNIK & SOUZA **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil**. v. 21, n. 1,. Revista Brasileira de Educação Física Especializada., jan/mar. 2007, p. 35-48.

LEFEVRE, Fernando...[ at al. ], (org). **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Educus, 2000.

MELHEM, Alfredo. **Brincando e Aprendendo Handebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigação em psicologia social. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. 6. Ed. – Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVOTO, Robson. **Handebol**: Uma Visão Político – Crítica do Seu Desenvolvimento como Desporto. Disponível em: [http://w.w.w.efdesportes.com/revista digital](http://w.w.w.efdesportes.com/revista%20digital) – Buenos Aires – ano 9 – nº 67 – dezembro de 2003. Acesso em: 13 de maio de 2008.

REIS, Ivan G. **As Relações de Poder na Formação Universitária do Profissional de Educação Física** – Uma Visão dos Egressos da Universidade do Estado do Pará (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF, 2000.

SERGIO, Manuel. **Algumas Teses Sobre o Desporto**: Compendium. 2 ed. Porto: Lisboa, 2003.

SIMÕES, Antonio Carlos. **Handebol Defensivo**: Conceitos Técnicos e Táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

Endereço: Travessa Angustura, nº 4160  
Bairro do Marco – Belém – Pará – Brasil.  
CEP: 66093040 - Email: [i18reis@yahoo.com.br](mailto:i18reis@yahoo.com.br)  
Fone: (091) 32760628 Cel: 87084809